

Nós e o lixo: as sobras do consumo e o meio ambiente em meio aos Povos Indígenas no Alto Rio Negro

Lucivânia Nogueira de Lima¹
Solange Pereira do Nascimento²

RESUMO

Este estudo, resultado de pesquisa de PAIC – Programa de Apoio à Iniciação Científica tem como objetivo apresentar a Comunidade Indígena Boa Esperança em São Gabriel da Cachoeira – AM e os desafios que vem enfrentando desde o ano 2000 com a instalação do lixão da cidade em frente à mesma. Para dialogarmos com os sujeitos da pesquisa seguimos pelos estudos da complexidade, entendendo que para falarmos sobre as sobras do consumo humano e seu descarte na natureza devemos ir além das discussões ambientais e alcançar os sujeitos e através deles entender como esse descarte os alcança e os altera na vivência do dia a dia. Ouvimos mulheres e homens da comunidade na perspectiva de Bourdieu em *A Miséria do Mundo* e de nossas percepções perante o sofrimento dos povos que lá habitam, entendemos que o lixo não degrada somente o meio ambiente, mas especialmente o homem em sua totalidade.

Palavras-Chave: Povos Indígenas, Meio Ambiente, Lixões

A floresta nasce de uma semente que brota no útero da terra. A floresta é também uma plantação de símbolos. Há, na região amazônica, um emaranhado de símbolos, a começar pela simbologia própria da floresta de todos os homens, resultado do sonho de sair de si à procura do “outro que somos nós ainda, numa expressão dialética do próprio ser” (Medeiros, Maria Lúcia, apud. Paes Loureiro, 1995, 203).

O que é a Amazônia de fato? Porque será que Djalma Batista se refere a ela como sendo uma esfinge com códigos ainda não decifrados? Será a Amazônia apenas a expressão de alguns milhares de quilômetros quadrados de área verde que se estende pela Pan-Amazônia? Que região é esta tão cobiçada e ao mesmo tempo tão misteriosa? Rica em sua pujança enquanto riqueza natural e biodiversa, em alguns lugares ainda intocada e em outros extremamente degradados? A Amazônia é na verdade a junção de

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Biologia da Universidade do Estado do Amazonas – Centro de Estudos Superiores de São Gabriel da Cachoeira.

² Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Professora Adjunta da Universidade do Estado do Amazonas - Centro de Estudos Superiores de São Gabriel da Cachoeira.

todas as florestas pessoais como bem expõe o poeta João de Jesus Paes Loureiro, pois desperta o imaginário de cada um dos seus habitantes como também daqueles que a visitam e permitem deixar fluir seu imaginário, por dentro de suas águas, que tocam a terra e o céu metaforizando a obra “Latitude Amazônica” de Jair Jacqmont³ onde em sua pintura ele retrata o céu da Amazônia que toca a água e toca ao céu como se ao mesmo tempo os dois fossem espelhos um do outro.

Podemos também dizer que região Amazônica é um bioma que se estende do norte da América do Sul, abrange em torno de 50% do território brasileiro, ocupando aproximadamente quatro milhões de quilômetros quadrados. Guarda em seu interior uma população de mais de 20 milhões de habitantes, sendo 180 tribos indígenas e populações tradicionais como caboclos, cabocos e quilombolas. Contém a maior biodiversidade do planeta em espécies animal e vegetal, e que apesar do avanço destrutivo dos últimos anos, ainda guarda uma grande extensão preservada de florestas tropicais do planeta, sem falar de suas reservas de ferro, petróleo e gás, bauxita, diamantes, urânio, cassiterita, nióbio, ouro (os dois últimos especialmente na área do rio Negro), sendo a maior reserva de água doce planeta, cuja escassez poderá colocar em risco a vida na terra. Segundo o MCT (Ministério da Ciência e Tecnologia em seu caderno de ciência, tecnologia e inovação para a Amazônia de julho de 2009) a informação que temos é que *“a Amazônia tem sido foco da atenção nacional e mundial por ser a maior floresta tropical do planeta e ter o maior acervo de biodiversidade, servindo como base de prestação de serviços ambientais, para a estabilização do clima global”*. Manter a Amazônia de pé, é manter a vida em toda sua extensão, seja animal, vegetal ou humana. A exploração da Amazônia é possível, desde que seja feita de forma inteligente e sustentável.

Mary Del Priore em *Os Senhores dos Rios* nos questiona sobre as margens desse ‘planeta’ verde e nos pergunta: o que ocultam? O que revelam? Com toda a tecnologia que a NASA (*National Aeronautics and Space Administration*) possa dispor, não será capaz de desvendar o segredo que se oculta sob o véu do indecifrado escondido entre galhos e cipós, num emaranhado polifônico de vida que se manifesta em tudo e por todos os lados.

Del Priore nos leva a enveredar por outra margem desse espaço geográfico, que se concentra em entender algumas narrativas e cenários num determinado discurso

³ Esta obra está exposta na casa da cultura no Instituto Nacional de Pesquisa na Amazônia – INPA em Manaus – AM.

historiográfico que de certa forma se pretendeu nacional, homogêneo e hegemônico. Ou seja, a autora reajusta suas lentes para enxergar a Amazônia para além de suas coordenadas geodésicas, biológicas, geográficas ou cartográficas. O olhar de Del Priore sobre este ‘lugar’ é o de retirar a visão somente do verde e perceber a policrômica e polifônica vida que se espalha em suas margens, águas e matas.

Neste sentido, pensar a Amazônia a partir de sua gente, de sua cultura, de seus relatos e histórias é possibilitar abrir caminhos mais apropriados para entendê-la em sua complexidade. Não podemos deixar à margem dos estudos sobre a Amazônia, o homem amazônico que não é apenas o nascido e criado nestes rincões, mais aquele que se identifica com este espaço e sua cultura. O homem amazônico, portanto, é cidadão do mundo, não tem um rosto específico, mas o rosto da diversidade presente em cada lugar que habita numa interação contínua e rica de simbolismos contemporâneos em cada grande curva do rio onde braços se entrecruzam e se mostram diferenciados ainda que pareçam semelhantes.

Pensamos ser possível refletir em torno de imagens, relacionando imagens e margens da/na história e historiografia. Uma ferramenta/metáfora para falar de narrativas a respeito de espaços provisórios, improvisados, contraditórios, inquietos e fundamentalmente silenciados, com silêncios naturalizados. Em muitos manuais antigos e contemporâneos, o que se passou a chamar de Amazônia foi verdadeiramente expulso. Uma expulsão histórica, uma vez historiográfica. Inventada como região unida e homogeneizada, a Amazônia foi transformada num mundo distante. Da história distante, mas próxima da natureza. Reintegrar estes mundos não é tão somente um esforço bem intencionado ou politicamente correto de compreender o regional, mas significa entender a construção e a reprodução da ideia de distância e isolamento de histórias e naturezas. A produção de imagens naquilo que nomeamos Amazônia, experiências não foram miméticas ou variáveis passivas de mundos dela distantes, mas, interligados e conexos.

É viajando por essa Amazônia esfinge verde não mais indecifrada como dizia Djalma Batista, mas diria, em decifração, que chegamos ao Alto Rio Negro, mais precisamente na cidade de São Gabriel da Cachoeira BR 307, KM 07 para falarmos da degradação ambiental a partir da formação do lixão da cidade em frente a Comunidade Indígena Boa Esperança.

A pesquisa foi realizada pela Universidade do Estado do Amazonas através de seu Programa de Apoio a Iniciação Científica – PAIC em parceria com a Fundação

de Amparo à Pesquisa no Amazonas – FAPEAM. Nosso objetivo foi o de realizar um estudo mais aprimorado sobre o lixo em São Gabriel pelo viés do impacto sociocultural que diz respeito à vida dos moradores da Comunidade Boa Esperança, formada por diversas etnias indígenas do Alto Rio Negro que sofrem consequências na saúde e na cultura a partir da instalação nos anos 2000 do lançamento de resíduos sólidos a céu aberto sem o devido tratamento necessário.

O caminho metodológico por nós proposto, se dá pelas vias das ciências sociais e humanas onde fizemos um denso trabalho de campo com base nos estudos antropológicos (GEERTZ, 1989; NASCIMENTO, 2016) e nos estudos ambientais de acordo com o Conama (1992) e Iwai (2005). Fizemos entrevistas do tipo semiestruturado e de entrevista profunda, ou seja, quando se permite ao sujeito liberdade para falar sem nenhuma interrupção, segundo os estudos de Pierre Bourdieu (2007). As entrevistas foram realizadas com homens e mulheres da Comunidade Boa Esperança num total equitativo de 12 pessoas. Fizemos um sobrevoo etnográfico numa perspectiva metodológica dialógica (MORIN, 2007) onde conversamos com esses sujeitos (homens e mulheres) e demos voz as suas falas apresentando suas necessidades a partir do que eles pensam sobre o impacto causado pela vizinhança com o espaço reservado pela Prefeitura Municipal de São Gabriel da Cachoeira – AM para fazer o descarte de seus resíduos sólidos, sem o devido tratamento.

A área em questão de investigação está localizada na BR 307 que liga São Gabriel da Cachoeira ao Distrito de Cucuí – berço do Povo Baré e de lá até a fronteira com a Venezuela. Mais precisamente no KM 07 aproximadamente 20 minutos em relação ao centro da cidade, iniciamos nossa jornada seguindo os caminhos percorridos pelo lixo – fruto do descarte humano gerado pelo consumismo capitalista. Em toda a BR é possível visualizarmos restos de resíduos sólidos que vão se acumulando em suas margens, quando pela força do vento são retirados de cima das caçambas que trafegam todos os dias levando dezenas de toneladas de lixo de toda qualidade (orgânico, hospitalar, restos de equipamentos como freezers, máquinas de lavar, geladeiras, sofás, pneus, dentre outros).

O bonito do verde e das inúmeras espécies de samambaias e flores nativas que ficam às margens da BR 307 vão se enfeitando de sacos plásticos multicoloridos que sinalizam a falta de respeito ambiental e o descuido com a natureza. Boff (2014, p. 39) quando fala sobre o cuidado com a terra como fonte de vida nos diz que “o cuidado é um fenômeno ontológico-existencial básico”, ou seja, ela é a base possibilitadora de

toda existência. Sem a terra, a vida humana torna-se vulnerável e propícia à extinção como já ocorreu com várias outras espécies de animais e plantas.

A Comunidade Boa Esperança possui atualmente 24 famílias indígenas urbanas com aproximadamente 140 pessoas, entre homens, mulheres e crianças. É um lugar pluriétnico, pois há várias etnias indígenas residindo num mesmo espaço a saber: Baré, Tukano, Dessano e Baniwa. As famílias espalhadas no lado esquerdo da BR 307 moram em residências construídas de alvenaria, madeira, cobertas na sua maioria com zinco ou palha. As casas não dispõem de fossas sépticas, portanto, não é difícil imaginar que as necessidades básicas de seus moradores sejam lançados a céu aberto ainda que através de banheiros, que não são interligados a uma rede de esgoto (o município não dispõe de saneamento básico e redes de esgoto). A comunidade dispõe de um prédio escolar construído pela Prefeitura Municipal, porém foi fechado por ordem judicial logo após sua construção, pois o número de insetos, moscas e roedores presentes no local que fica exatamente em frente ao lixão impossibilitou que a escola funcionasse normalmente. “Um dos pais em entrevista nos disse que as moscas são tantas que as crianças não conseguiam se alimentar, pois eram capazes de entrar pela boca de seus filhos” (Jequitibá⁴, 35 anos. Entrevista 2017).

Observemos na fala do senhor Jequitibá que as moscas resultado do acúmulo de sujeira provocado pelo lixão instalado no ano 2000 e até agora não solucionado pela PMSGC tornou-se um dos grandes responsáveis pelo fechamento da escola. Não estamos nos referindo tão somente ao fechamento da escola enquanto infraestrutura, mas, a impossibilidade de transmissão de conhecimentos que essas crianças por força da situação vão buscar a dois quilômetros de distância de suas casas, mais precisamente na Escola da Comunidade Amazonino Mendes.

O problema pedagógico se coloca como um problema a ser resolvido pela própria comunidade e Secretaria de Educação do Município, tendo em vista que a criança indígena aprende no seu contexto social e com os mais velhos de sua comunidade (LUCIANO, 2011). É sabido que no processo de ensino-aprendizagem, o estudante não é um depositário de ensinamentos arbitrários que não levam em consideração o tempo, o espaço, a cosmovisão de cada pessoa em seu contexto social, político, religioso, econômico e cultural. Para Freire (1983, p. 93), “a educação é

⁴ Usaremos nomes de árvores para manter a integridade dos sujeitos da pesquisa.

comunicação, é diálogo na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”.

Percebemos que o problema do lixão é posterior à formação da Comunidade Boa Esperança a partir da fala do capitão da comunidade, o senhor Sumaúma (49 anos) quando nos disse que: “a comunidade já existia antes, o lixão veio depois. Isso tem causado muitos problemas para nós e agora ninguém faz nada apesar da gente reclamar” (Entrevista, 2017).

Mais uma vez percebemos que as pessoas da comunidade sofrem com a presença do lixão e não se cala diante da situação, todavia, suas vozes tornam-se silenciadas e não ecoam no sentido de encontrar outras vozes que juntas tenham o mesmo interesse de amenizar o sofrimento causado pelo lixão. De outra forma, percebemos que não sendo ouvidos, a comunidade foi se ‘adequando’ à difícil convivência com o mal cheiro, insetos, roedores, etc. Pela necessidade, foi aprendendo a fazer do lixo um meio de sobrevivência nos mesmos moldes de cidades grandes. O que torna-se espantoso, é que estamos falando de uma cidade onde mais de 90% de sua população é indígena e historicamente nunca acumularam resíduos sólidos que fossem agressivos à natureza, pois em tempos idos não faziam parte da roda viva e consumista mantida pelo capitalismo avassalador que não percebe o acúmulo como algo contraditório à própria existência humana.

A presença do lixão tem sido aos poucos em quase duas décadas o grande responsável pela mudança de comportamento cultural de indígenas que percebem no descarte de resíduos sólidos uma fonte de renda mais lucrativa do que a roça. Ao invés de plantar e retirar da terra o alimento natural, muitos preferem catar no lixão restos de produtos como latinhas e fios de cobre que são vendidos a quilo por compradores específicos que pagam em média R\$ 5,00 a R\$ 6,00 reais.

O lixão tem propiciado a estas famílias uma renda mensal em torno de R\$ 200,00 a R\$ 300,00 com a venda de latinhas, cobre e fios de cobre retirados de material elétrico. A renda das famílias está abaixo de um salário mínimo; a maioria é desempregada e vive das ‘benesses’ do Programa Bolsa Família, mantido pelo Governo Federal. Catar lixo tornou-se uma renda extra além do Bolsa Família e das pequenas vendas de frutos retirados das roças. Ou seja, a lógica do capitalismo agressor que para alguns favorece descartar o que sobra, para outros consegue ainda que por uma lógica perversa ser um subterfúgio de sobrevivência.

Durante a pesquisa observamos crianças e adultos catando lixo do outro lado da BR 307 sem nenhum equipamento de EPI (Equipamento de Proteção Individual) como luvas, botas, máscaras, blusas e calças cumpridas, óculos, chapéus, etc. O que vimos foram crianças de rostinhos sujos e mãozinhas carregadas de brinquedos velhos. Quando perguntamos informalmente a elas, o que mais buscavam no lixão, nos disseram que os brinquedos eram mais importantes. Isso nos chamou a atenção, pois o universo infantil não tem cor ou raça, a criança será sempre esse outro capaz de fazer de algo negativo, uma outra possibilidade de pensar e ser para além do fenômeno aparente.

Os moradores desejam a saída do lixão apesar de ser um meio de sobrevivência para alguns e renda extra para outros. As crianças que têm sua escola trancada por causa da insalubridade causada pela proximidade com o lixão se deslocam de ônibus cedido pela PMSGC até a Comunidade Amazonino Mendes há aproximadamente uns 04 quilômetros de distância pela estrada SGC - Camanaus onde usufruem do espaço escolar. A BR é de barro e piçarra⁵, a poeira é constante pelo tráfego de veículos, especialmente das caçambas que trafegam o tempo todo levando resíduos para o lixão.

O lixão não é para elas um empecilho à imaginação, mas um espaço que propicia viajar para além do que está posto, ainda que saibamos, ser perigoso, inapropriado e hostil a sua própria vida. O lixo é um caminho para inúmeras doenças e dentre tantas as mais evidentes citadas pela comunidade em resposta à pesquisa, estão relacionadas àquelas provocadas pelo acúmulo de sujeira, tais como: parasitoses, náuseas, vômitos, dor de barriga e diarreia, dentre outras. Bahia et al. (2001) dizem que o acúmulo de resíduos sólidos, geram a proliferação de vetores como: ratos, moscas, mosquitos entre outros animais que causam doenças como: leptospiroses, salmonelas, dengue, verminoses, dentre outras.

Observamos que talvez a convivência com a inospitalidade do lugar, esteja afetando também o ordenamento de limpeza aos arredores das casas. Perguntamos também sobre a utilização da água na comunidade e de onde ela vem. O capitão⁶ nos disse: “nós bebemos água de chuva que a gente guarda nas caixas d’ água” e a água para consumo é retirada do igarapé que passa nas mediações da comunidade onde de lá fazem a captação para uso cotidiano de banho e lavagem de roupas. É provável, mas

⁵ Barro com seixo de cor marrom-alaranjada.

⁶ Chefe responsável pela comunidade, eleito entre eles de forma democrática.

não podemos afirmar que a água do igarapé esteja comprometida pelo chorume do lixão, que com o passar do tempo e sem o devido cuidado infiltra devagar no solo.

Quando perguntados sobre a possibilidade de não mais ter que viver do lixão ou tê-lo como uma fonte de renda extra caso o lixão fosse instalado em outro lugar, especialmente por causa das crianças, Dona Mangueira (31 anos, entrevista 2018) nos disse que: “por mais que a gente diga para elas não irem para lá, elas vão do mesmo jeito, porque gostam dos brinquedos que encontram lá. A gente ralha, mais elas são teimosas. A gente tem medo que elas fiquem doentes mesmo depois de grandes”.

Vejamos, que há uma preocupação das mães em relação à presença das crianças por mais que elas tentem tirá-las de lá ou proibirem as mesmas de atravessarem a BR, porque elas não obedecem. Encantadas pelos brinquedos correm diversos riscos, inclusive de atropelamento (o que ainda não se teve registro), como também de infecção por diversas doenças transmitidas pela presença do lixão. O mais difícil para as mães é também o de negar a alegria dessas crianças por um brinquedo que as encantam, quando elas não têm como comprar. O lixão não é para as crianças um empecilho à brincadeira, mas, a possibilidade de deixar fluir o imaginário fértil e feliz de uma infância que não encontra barreiras, ainda que essa barreira seja um lugar hostil e perigoso.

Um outro problema do lixão está também relacionado às comunidades do entorno especialmente a Comunidade Aparecida que está localizada no entorno do lixão com acesso pela Estrada SGC-Camanaus (asfaltada na década de 90). A PMSGC tem visitado a comunidade e ouvido suas reclamações, porém até agora nada foi resolvido, pois o problema do lixão causa transtornos não só para a Comunidade Boa Esperança, mas para todos aqueles que residem próximo, inclusive sitiantes.

Em entrevista com o poder municipal, foi-nos apresentado o mapa da cidade e há um interesse em encontrar um espaço mais apropriado que não afete a vida das populações locais, todavia, é uma negociação que precisa ser feita com os donos de terras ao longo da BR, visto que não teria outro lugar a não ser nesta rodovia. A PMSGC nos disse que está encontrando dificuldades em transferir o Lixão da BR 307 KM 07 para outro espaço, pois não dispõe de terras adequadas da municipalidade para a construção do aterro sanitário, projeto em andamento da gestão atual. A maioria das terras na BR 307 pertencem às Forças Armadas para treinamento de militares do Exército Brasileiro, área Aeroportuária, áreas privadas e especialmente áreas indígenas demarcadas.

A estrada que liga o centro da cidade ao Porto, também dá acesso ao aeroporto e seria inviável para tal fim, pois atrairia aves de rapina atraídas pelo odor. Outrossim, a maioria das terras em 22 quilômetros de extensão está totalmente habitada por outras comunidades indígenas e sítios residenciais de comerciantes, centros de retiro de igrejas locais, dentre outros. É possível que este problema seja resolvido pois o Art. 54 da Lei 12305 de 02/08/2010 instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos, alterando a Lei 9605/1988, que instituía o fim dos lixões e o descarte correto dos resíduos sólidos, com prazo até 2014. Obviamente, o prazo não foi cumprido pelas prefeituras brasileiras alegando falta de recursos para transformar os lixões em aterros sanitários e o prazo foi estendido mais uma vez até 2021 através do Projeto de Lei 2289/2015.

Questões como estas, dizem respeito diretamente à sociedade local. Até o presente momento não temos nenhum registro de debate sobre isso como iniciativa da PMSGC. Tais fóruns de debates seriam necessários, pois a mesma sociedade que polui também deveria ser agente de transformação e mudança dos problemas que ela mesma também é autora. É sabido que dos 5568 municípios brasileiros, apenas 2215 fizeram suas adequações⁷. Segundo o novo prazo é possível que os demais municípios se adequem e encontrem soluções para este problema não só ambiental, mas relacionado à saúde e vida humanas. Milton Santos (2006, p. 55) nos diz que,

O espaço é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações [...] O espaço se impõe através das condições que ele oferece para a produção, para a circulação, para a residência, para a comunicação, para o exercício da política, para o exercício das crenças, para o lazer e como condição de “viver bem”.

As sociedades indígenas sempre tiveram uma relação muito direta com a natureza no sentido do convívio harmônico. Para o bom desenvolvimento desses povos, são necessárias grandes áreas apropriadas para roças, caça, coleta de frutos, dentre outros. As sociedades indígenas trazem de seus ancestrais caçadores-coletores uma característica diferenciada em relação ao aspecto sobrevivência como relata Harari (2016).

Assim, é preciso voltar nossas lentes sobre a Amazônia e perceber em sua gente uma forma de relação simbólica carregada de um imaginário mítico que o leva a manter com a natureza uma relação de identidade profunda sem distinguir homem e

⁷ <https://www12.senado.leg.br/emdiscussao/edicoes/pacto-federativo/propostas-1/aprovado-mais-prazo-para-fim-dos-lixoes>. Acesso em 24/08/2018.

natureza numa relação divergente, mas simbiótica. A civilização urbano-industrial desenvolveu conhecimentos científicos, tecnológicos e também meios poderosos de devastação da natureza, rompendo antigas alianças entre as espécies também de caráter mítico. A natureza é um Outro carregado de sentido que tem relação direta com a existência humana, seja em sua expressão material ou espiritual (NASCIMENTO, 2016).

Isso não quer dizer seguindo a linha de um preservacionismo externo que a Amazônia continue sendo um paraíso, um espaço desabitado, e que a natureza deve ser conservada virgem e intocada. Sucede que esse mito se confronta com outros mitos e simbologias que as populações tradicionais moradoras de parques nacionais protegidos (indígenas, pescadores artesanais, ribeirinhos) têm em relação ao mundo natural e que destoa da ideia de um espaço verde imexível. O homem amazônico entende e precisa usar os recursos sem degradá-los ou do contrário anularia sua possibilidade de sustentabilidade.

Assim, a comunidade Boa Esperança se nos mostrou como um lugar a “espera de um milagre”. O milagre de ser ouvida, de ser atendida em suas reivindicações. É preciso que o Poder Municipal em diálogo com a comunidade resolva seus problemas e atente para o cumprimento da Lei 12305 de 02/08/2010 que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos. É possível que o aterro seja a melhor saída, mas ainda acreditamos que um fórum de discussão a respeito dos resíduos sólidos e sua influência na vida e na saúde das pessoas, seja uma possibilidade de preservação da vida agora e no futuro.

REFERÊNCIAS

ALEIXO, Marcos Frederico Krüger. *Amazônia: mito e literatura*. Manaus: EDUA, 2003.

BAHIA, S. R.; MANSUR, G. L.; MONTEIRO, J. H. R. P. *Cartilha de Limpeza Urbana*. Ministério da Ação Social, 2001. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=6149. Acesso 10/07/2018.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. Tradução Mateus S. Soares Azevedo (et. al), Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

CONAMA. *Definições de áreas de Preservação Permanente em Reservatórios Artificiais*. Nº302, de 20 de março de 2002. Publicado no DOU nº90, de 13 de maio de 2002, Seção 1, p.67-68.

DEL PRIORE, Mary e GOMES, Flávio. (Org.) *Os Senhores dos rios: Amazônia, histórias e margens*. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2003.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: HUCITEC 1996.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Editora LTC. Rio de Janeiro, 1989.

GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. 2ª Ed. Manaus: Valer, 2007.

HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. Tradução Paulo Geiger, 1ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

IWAI, Cristiano Kenji. *Tratamento de Chorume através de percolação em solos empregados como material de cobertura de aterros para resíduos sólidos urbanos*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Engenharia da UNESP. Bauru – SP, 2005

KOCH-GRÜNBERG, Theodor – *Dois anos entre os indígenas: viagens ao noroeste do Brasil (1903-1905)* – Manaus- EDUA/FSDB, 2005.

LUCIANO, Gersen J. dos Santos. *Educação para manejo e domesticação do mundo entre a escola ideal e a escola real. Os dilemas da educação indígena no Alto Rio Negro*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UNB, Brasília, 2011.

MORIN, Edgar. *A humanidade da humanidade, a identidade humana*. Vol. 5. Tradução Jeremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2007.

NASCIMENTO, Solange Pereira do. *O feminino Sateré-Mawé e suas manifestações simbólicas na Amazônia*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

PAES Loureiro, João de Jesus. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. Belém, Cejup, 1995

REIS, Arthur Cezar Ferreira. *Aspectos da experiência portuguesa na Amazônia*. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1996.

SANTOS, Milton. *Natureza do Espaço*. São Paulo: EDUSP, 2006.

WAGLEY, Charles. *Uma Comunidade Amazônica: estudo do homem nos trópicos*. 3ª. Ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988.